

Magalhães, Maria José; Cruz, Angélica Lima & Nunes, Rosa Soares (2012) *Pelo Fio se Vai à Meada: Percursos de Investigação em Histórias de Vida*, Lisboa: Ela por Ela.

## INTRODUÇÃO

O interesse e entusiasmo pela pesquisa em histórias de vida, a que temos vindo a assistir nos últimos anos, relacionam-se, por um lado, com o seu carácter multidisciplinar e, por outro, com o safar das fronteiras disciplinares, implicando a compreensão e o recurso a diferentes abordagens, métodos e práticas (ver Gluck e Patai 1991).

Os artigos aqui incluídos são expressão e reflexão de modos de fazer pesquisa em histórias de vida e resultam de uma trajetória coletiva de trabalho de investigação, no âmbito do Projeto “Love, Fear and Power: Pathways to a Non Violent Life”, assim como de teses e dissertações<sup>1</sup> em que a metodologia utilizada foi histórias de vida, métodos biográficos, narrativas, testemunhos, documentos biográficos e iconográficos, numa heterogeneidade de abordagens mas sem perder o foco central nas vozes e na interação dialógica. Todavia, não se pretende como um manual de receitas, antes uma reflexão epistemológica e metodológica, sob um chapéu de sol / chuva dos estudos feministas, de género e de mulheres: psicologia, sociologia, antropologia, ciências da educação, estudos culturais e artísticos, ciências de enfermagem, filosofia e estudos pós-coloniais.<sup>2</sup>

O interesse pelos métodos biográficos parece convergir para a revalorização do *sujeito* da ação social e agência política. Assim, as histórias de vida constituem uma epistemologia que se centra na expressão de histórias particulares (de classe, de género, de país, de linhagem, orientação sexual, idade), desafiando os discursos canónicos da história, isto é, confrontando o discurso universalista, unidirecional e racionalizador (ver também Marinas & Santamarina 1993), trazendo a voz das/os silenciadas/os da história.

Neste sentido, esta epistemologia abre caminho a preencher silêncios da modernidade, proporcionado a troca de experiências como contraponto às formas de construção do conhecimento científico que tem assentado, predominantemente, em mera informação (Wallis, 1993).

A descoberta da história oral, em que se baseia o trabalho em histórias de vida, traz, para o nosso conhecimento, não apenas mais informação, mas perspectivas novas, dos pontos de vista até então mal compreendidos. Como Paul Thomspon também argumenta, “esta descoberta fez com que a história oral europeia não seja um simples método, mas um movimento” (1993: 66).

---

<sup>1</sup> Esta obra constitui um resultado do Projeto “Love, Fear and Power: Pathways to a Non Violent Life”, financiado pela FCT em parceria com a CIG, ver [http://www.fpce.up.pt/love\\_fear\\_power/project.html](http://www.fpce.up.pt/love_fear_power/project.html)

<sup>2</sup> Se bem que, no Projecto “Amor, Medo e Poder”, os estudos lésbicos também tenham estado presentes, nesta obra, não estão contemplados pela ausência, no Projecto, de pesquisa específica com mulheres lésbicas na epistemologia das histórias de vida que aqui se desenvolve.

A experiência vivida e partilhada com outras/os, ainda que mediada pela lógica de mercado, é a nossa realidade social e a única que podemos conhecer, sendo, por isso, a fonte para a transformação social. Na perspectiva de Walter Benjamin, contar histórias é também uma forma de fundir experiência pessoal e desejo político, levando Brian Wallis a afirmar a importância de, actualmente, “muitas/os autores/as (em particular, mulheres de cor, escritores/as da América Latina e artistas) se voltarem para o contar de histórias e outros modos ficcionais como forma de crítica cultural” (Wallis 1993: xiv)<sup>3</sup>.

Nesta obra, a propósito da narração da discriminação, desvantagem e vitimização de mulheres, os diferentes artigos abordam os processos epistemológicos e metodológicos da elaboração de histórias de vida. Aqui, género, intersubjetividade e memória são questões chave, articuladas com as de língua e linguagem, performance e criatividade, perspectiva crítica e de conhecimento situado, violência de género, trazendo para a academia o que são os actuais debates nos estudos feministas, de género e de mulheres (ver também Cosslett, Lury & Summerfield 2000). Sexualidades, erotismo, romance, prazer, desejos, fantasias e emoções, enquanto questões cruciais que emergem das narrativas, constituem, se não o alvo direto da reflexão teórica, o pano de fundo sobre o qual se (d)escrevem e reflectem os modos de fazer nesta investigação. Mais ainda, pretende-se, simultaneamente, falar do *fazer ciência* problematizando o método ao levantar questões sobre ética, verdade, autoria e individualismo.

Este livro participa deste movimento de construir modos de investigar para visibilizar as mulheres e as formas de violência de género, discriminação e opressão de que têm sido alvo, na medida em que esta memória é também crucial para o auto-reconhecimento e valorização. Apesar de, historicamente, as mulheres terem visto a sua identidade sistematicamente definida por outros, este problema não tem sido levantado pelas mulheres *em geral*, mas pelas feministas, isto é, aquelas que apresentaram, de um lado, análises da opressão de género e sexual, conjugadas com outras formas de violência e opressão (de classe, de orientação sexual, de capacidade, de idade, entre outras), e, de outro, alternativas e estratégias para a sua superação através de práticas e ações políticas. Como afirma Annarita Buttafuoco:

... as feministas têm tido e têm uma particular interpretação do destino social das mulheres na história, interpretação que é diferente segundo a valorização específica que é dada a partir das causas da opressão e dos caminhos que, no interior das diferentes articulações do movimento, têm sido individualizados e que individualizamos para a sua superação” (Buttafuoco, 1990: 49-50).

---

<sup>3</sup> No original: “Given Benjamin recognized storytelling as a form of melding personal experience and political desire, it is appropriate that many writers today (in particular women of color, Latin American writers, artists) have turned to storytelling and other fictional modes as forms of cultural criticism” (Wallis 1993: xiv).

A epistemologia dos métodos biográficos que aqui se apresenta inscreve-se num movimento mais abrangente de questionamento da produção de conhecimento que académicas feministas, como Sandra Harding (1991, 1989), entre muitas outras, têm vindo a problematizar, evidenciando o carácter situado e político da produção científica (Haraway 1988; Rich 1984; Habermas 1984).

A relação entre investigação e movimento social constitui uma das mais frutuosas características dos feminismos que, no campo académico, resultou na introdução da crítica epistemológica que questionou e recusou os cânones vigentes de ‘objetividade’ e concomitantes quantificação-medição dos fenómenos sociais e dicotomia e distância entre sujeito investigador e o sujeito investigado que produziriam o único conhecimento considerado ‘válido’ e ‘legítimo’. Como diversas autoras mostraram, esses cânones e essa separação implicavam graves consequências: objetivizar a mulher como um ‘dado’, manter os pressupostos sexistas das categorias estatísticas, negar e deslegitimar a validade da subjetividade do conhecimento, a compreensão e significado da experiência feminina, uma vez que se baseiam no particular, emocional, não-racional, íntimo e quotidiano.

Os feminismos e movimentos de mulheres, do último quartel do séc. XX, providenciaram um contributo incontornável a um modo feminista de fazer ciência, no qual os métodos biográficos se inserem, de onde se podem destacar dois grandes objetivos: criticar, denunciar e produzir alternativas aos pressupostos androcêntricos; e mudar as formas de interpretar, apreciar e compreender as vidas das mulheres, através da experiência histórica. Como afirma Susan Geiger (1986), através da história oral acedemos a *múltiplas verdades* nos ambientes académicos.

O androcentrismo esteve na base da ‘metodologia da omissão’, invisibilidade temática ou atenção marginal sobre as mulheres, que têm caracterizado diversos paradigmas científicos, desde o estruturalismo ao funcionalismo.

Assim, a história das mulheres tem desenvolvido um carácter distinto por si própria. Como afirma Mary Maynard:

Longe de procurar e descrever a vida das mulheres e incorporar a sua pesquisa num enquadramento histórico existente, as historiadoras feministas argumentaram que, se as experiências das mulheres, os seus valores e as formas das suas vidas foram muitas vezes diferentes das dos homens, então, a história das mulheres não pode ser vista como uma outra versão da história dos homens (1994: 82).

Para além disso, é ao movimento de mulheres e aos feminismos que devemos a noção que hoje temos de que é parcial e incompleta a história de uma época em particular que apenas apresenta o trabalho dos homens, como afirma William Tierney:

Se lermos apenas histórias formalizadas, podemos cair no erro de pensar que, por exemplo, americanas/os-africanos/as, índios/as americanos/as, população lésbica e gay e outros grupos marginalizados não existiam há uma geração atrás<sup>4</sup> (1993: 545).

Mesmo a investigação e análise que tratam a mudança e transformação social têm refletido mais o ponto de vista da experiência masculina do que o da feminina, as pressões de caráter coletivo e institucional mais do que as pessoais, a lógica da ideologia abstrata que atua através da economia, da política, das redes laborais, dos sindicatos e de outros grupos de pressão socialmente organizados (Tompson 1993), esquecendo outras formas de organização e intervenção política que as feministas têm trazido para a luta social.

Assim, numa primeira fase, o desafio terá sido ‘nomear vidas silenciadas’ como forma de dar voz aos/às que foram deixados/as de fora da história. No entanto, ficou claro que o desafio não podia limitar-se a acrescentar algumas vozes, exigindo, num momento histórico de pós-modernidade, a des(re)construção do processo de produção da ciência, trazendo para o trabalho em histórias de vida a finalidade de “quebrar o estrangulamento das metanarrativas que estabelece as regras da verdade, legitimidade e identidade”<sup>5</sup> (Tierney 1993: 546).

O termo *histórias de vida* tem diferentes significados, sendo habitualmente incluído no chamado ‘método biográfico’ (Schwandt 1997). Lawrence Watson e Barbara Watson-Franke (1985) definiram que uma história de vida é um relato retrospectivo de uma pessoa sobre a sua vida, na forma escrita ou oral, solicitada ou suscitada por outra pessoa para contar toda a sua vida ou parte dela. John Dollard, já em 1935, tinha definido o conceito com duas dimensões: por um lado, o relato do percurso de uma pessoa num meio cultural e, por outro, a produção de conhecimento teórico a partir daí.

Em algumas perspetivas, as histórias de vida enquadram-se numa estrutura taxionómica biográfica, sendo a ênfase colocada nas interações entre investigador/a e pessoa investigada e nas relações sociais da/o narrador/a. Neste sentido, é, simultaneamente, um artefacto culturalmente produzido e um documento interpretativo. Enquanto relacionada com a biografia, é um relato retrospectivo que envolve uma forma narrativa. Amos Hatch e Richard Wisniewski (1995) fazem distinção entre história de vida e *estória* de vida, em que a *estória* se transforma em *história* através da análise dos contextos social, histórico, político e económico.

Frequentemente, o processo de pesquisa em histórias de vida envolve um relato na primeira pessoa, o que leva algumas/ns autores/as a denominá-lo de *autobiografia* (ver, por exemplo,

---

<sup>4</sup> “If one were to read only formalized histories, one might mistakenly presume, for example, that African Americans, American Indians, gay and lesbian people, and other marginalized groups did not exist prior to a generation ago” (Tierney 1993: 545).

<sup>5</sup> “... a goal of life history work in a postmodern age is to break the stranglehold of metanarratives that establishes rules of truth, legitimacy, and identity” (Tierney 1993: 546).

Stanley, 1993)<sup>6</sup>. Todavia, outras/os autoras/es atribuem ao conceito de *autobiografia* a característica de ser o resultado de uma comunicação escrita, sujeita a regras deste tipo de comunicação literária (Chanfrault-Duchet 2000).

Um outro conceito utilizado é o de *narrativa oral*, em que a ênfase se coloca no processo de recolha, habitualmente, com recurso ao áudio ou vídeo gravador. Relacionado com este, surge também o de *história oral* referindo-se, nas palavras de Sherna Gluck e Daphne Patai, a um processo que inclui diversas etapas: “gravar, transcrever, editar e tornar público o produto final, habitualmente, mas não necessariamente, como texto escrito”<sup>7</sup> (Gluck & Patai 1991: 4).

*Testemunho (testimonio)* constitui outro termo, desenvolvido em grande parte na América Latina, que se distingue dos anteriores pela quase não interferência da/o investigador/a, pela presença indígena, pela urgência social de factos testemunhados, por um imperativo moral ou social, o que algumas/ns autoras/es definem como “literatura de resistência”. Frequentemente, os *testimonios* são dados por pessoas ligadas a movimentos sociais que não sabem escrever (Barnet 1994, Dalton 1982) e que contam a sua história com a esperança de impulsionar e sensibilizar outras pessoas para intervir no problema em foco. Neste sentido, a/o autor/a de um testemunho é, usualmente, definido como activista na luta social sobre a qual incide o seu relato.

Um outro conceito utilizado é o de *auto-etnografia*, assim definido por William Tierney:

... forma usada em que o autor está mais explicitamente presente no texto [...] utiliza momentos específicos da vida da/o narrador/a que são transmitidos através de uma história; presta mais atenção aos significados semióticos implícitos do que à questão da veracidade do texto (2000: 547).

A par desta variedade terminológica, vale a pena realçar que, no quadro das ciências sociais, a pesquisa em histórias de vida implica uma interação dialógica presencial entre narrador/a e investigador/a, da qual emergem a co-enunciação e co-construção de um produto cultural com a forma de narrativa (Chanfrault-Duchet 2000), necessariamente, não restringida àquela interação e dialecticamente articulada com a análise e interpretação das relações sociais ao nível da sociedade mais alargada.

Independentemente da diversidade terminológica, esta perspectiva epistemológica integra a *voz* como ferramenta de emancipação. Como afirma bell hooks:

Sair do silêncio para tomar a palavra é, para as/os oprimidas/os, colonizadas/os, exploradas/os, e aquelas/es que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura e torna possível uma nova vida e um novo crescimento. Este acto de fala, de ‘ripostar’, não é um mero gesto de

<sup>6</sup> Liz Stanley (1993) usa dois termos: i. autografia, para explicitar que a escrita está muito presente no processo, escrevendo-se a si mesma/o; ii. auto/biografia, com a barra separadora para indicar uma relação entre o processo de se contar e de se escrever a si própria/o.

<sup>7</sup> “... recording, transcribing, editing, and making public the resulting product — usually — but not necessarily a written text” (Gluck & Patai 1991: 4)

palavras vazias, antes a expressão do nosso movimento de objecto para sujeito — a voz libertadora (bell hooks, 1989: 9)<sup>8</sup>.

Nesta obra, convocam-se artigos de diferentes campos científicos, tendo as ciências da educação como cenário para reflectir acerca da violência, opressão e discriminação. Parte-se, aqui, de uma concepção alargada de educação, já que uma concepção reducionista, ausente da consciência da íntima relação que liga os processos educativos e os processos sociais mais abrangentes de reprodução social, precisaria sempre de acrescentes adjectivadores (integrada, inclusiva...) que configurassem o edifício eufemístico que contorna os artificios da sua violenta separação do mundo a que pertence, potenciando a sua instrumentalidade à eficácia de uma ordem que mantém cada um/a no seu lugar.

Assim, na primeira parte, “*Fazer histórias de vida: pensar a violência contra as mulheres*”, os sete artigos convocam a reflexão epistemológica em torno da pesquisa sobre e com experiências relatadas em que a dor e a ausência de sentido consistiu no ponto de partida que as(nos) incentivou a comunicar as suas vivências do quotidiano.

Esta perspectiva convoca o lema “o pessoal é político”, desenvolvido nos grupos feministas intimistas que partiram da história pessoal e individual, habitualmente, contada em encontros íntimos e privados (melhor amiga, irmã, filha) e constataram a existência de uma experiência comum como causa da dor, levando-as à urgência do *contar*. Foi nesta prática de contar, de trazer ao domínio público as memórias subversivas do privado, e que transformou a visão social e política sobre a violência nas relações de intimidade, que uma nova autoconsciência coletiva se forma em torno deste problema. Como afirma Cristina Vega, “a prática da autoconsciência é eminentemente narrativa” (Vega, 1997: 93-4).

Algumas autoras/es têm argumentado que o contar de histórias de violência contém duas dimensões relevantes: por um lado, tudo indica que lembrar e re-contar, desde que com todas as condições éticas (ver também Atkinson 2011) e de segurança preservadas, é benéfico para quem conta e útil para quem ouve, caracterizado com a expressão *talking cure* (Summerfield 2000); por outro, a nossa própria experiência de pesquisa, neste campo, revela como chega a ser impressionante o imperativo de desabafar, de expulsar essas memórias.

**Irene Cerejeira**, no artigo “Dimensões individuais e colectivas na violência doméstica em menopausa”, no campo das ciências de enfermagem, parte da frequente constatação de que muitas mulheres tentam justificar os problemas e insatisfações conjugais com o trajecto

---

<sup>8</sup> Moving from silence into speech is for the oppressed, the colonized, the exploited, and those who stand and struggle side by side a gesture of defiance that heals, that makes life and new growth possible. It is that act of speech, of ‘talking back’, that is no mere gesture of empty words, that is the expression of our movement from object to subject — the liberated voice (bell hooks, 1989: 9).

biológico, nomeadamente a menopausa, sendo que o que se encontra por detrás destas subjetividades são experiências de violência doméstica continuada. Os discursos hegemónicos em torno da saúde e dos corpos das mulheres têm-se constituído como mecanismos de regulação e controle social, sendo através das histórias de vida que uma prática libertadora e transformadora pode iniciar-se, como afirma Margaret Ledwith (2005), contribuindo para identificar as relações de poder que cruzam as categorias da diferença, ao mesmo tempo que se enraíza, nas políticas de identidade (mas não só), a construção de “um sentido sobre quem somos, a nossa diversidade e a relação com o mundo à nossa volta” (idem: 257).

No texto de **Salomé Coelho**, “Violência doméstica fora de portas: para uma narrativa social da violência” parte-se do relato de uma vítima/sobrevivente de violência doméstica para afirmar, do ponto de vista metodológico, a história de vida como ferramenta crítica ao modo hegemónico de fazer ciência. Nessa hegemonia, inscreve-se o silenciamento de quem, num quadro de relações assimétricas de poder, não tem acesso ao espaço público; e, no caso da assimetria de género, a consequente necessidade de uma intervenção feminista, já que é a crítica feminista que vem a esclarecer a complexidade das relações de dominação entre sexos que, numa cultura patriarcal milenar, naturaliza a violência sobre as mulheres e o seu silenciamento. Partido de um conjunto de questões, procura-se iluminar o carácter social e não individual dos fenómenos ligados à violência sobre as mulheres e a sua inscrição num sistema ideológico e social mais vasto que a autoriza.

A dimensão do *talking cure* presente em toda a obra surge mais explicitamente tratado nestes dois artigos de Irene Cerejeira e Salomé Coelho.

Conceptualizando a violência de género como mais extensiva do que a restrita definição legal portuguesa, que se confina à violência doméstica, alguns artigos abordam temáticas específicas, como a deficiência e a colonização e exílio de um povo, como é o caso dos de Fátima Pinto e Lúcia Gomes e Shadh Wadi.

**Fátima Pinto e Lúcia Gomes**, no artigo “Histórias de vida, mulheres e deficiência”, dão visibilidade a experiências e subjetividades de mulheres e portadoras de deficiência para a construção de uma cidadania alargada para todas e todos, que respeite e confira a diferença como um aspecto positivo numa sociedade democrática. Pretendem tornar visíveis os processos discriminatórios de exclusão, as estratégias de sobrevivência e a *agência* a que recorrem para enfrentarem com algum optimismo a vida do dia a dia e, por fim, a solidariedade individual ou institucional, como garante da realização pessoal e da construção da autonomia.

Numa perspectiva pós-colonial e num desafio à colonização discursiva e *de facto*, “O ser das mulheres palestinianas: histórias de vida entre cusquices e rabiscos”, de **Shadh Wadi**, traz-nos a resistência das mulheres palestinianas à ocupação (em 1948) através da preservação da memória colectiva, como diz a autora, “fundamental para manter a ideia da Palestina viva”, providenciando modelos sociais e éticos em oposição à linguagem colonial dominante da

história e da lei. Contar histórias emerge, assim, como mais do que uma forma de expressar o poder das mulheres, ainda que secundário, numa sociedade patriarcal, e sujeitado pela experiência do exílio e da violência colonial, mostrando não apenas prazer e história, mas também as contradições da sociedade.

Face à produção científica e a uma universidade dominantes, erigidas em fóruns privilegiados de debate, encravadas entre uma produção conceptual, quantas vezes repetitiva e estéril, cristalizada na teoria sobre a teoria, alheada da “coisa em si”, e uma ‘agressividade’ interventiva que pouco ou nada tem a ver com o favorecimento da consciencialização das populações mais vulneráveis, emerge este movimento epistemológico feminista das histórias de vida como abertura de horizontes de possibilidades, aqui presente em todo o livro, sendo que, nos artigos de Maria José Magalhães, Sofia Neves e Hugo Monteiro podemos encontrar uma discussão mais explícita e detalhada das questões epistemológicas, metodológicas e, até, procedimentais. Se “a actividade científica não pode, sem violência, ser separada do mundo a que pertence” como defende Ilya Prigogine (1996), afirma-se aqui a importância destes cruzamentos, imbricações e articulações dialécticas.

**Maria José Magalhães**, em “Construção do sujeito mulheres: subjetividades das vozes e dos silêncios”, a partir das dificuldades e dilemas do fazer de histórias de vida, dá a conhecer as condições da sua produção, trazendo para o debate as questões da verdade versus ficção, das intersubjetividades na construção do conhecimento e do lugar na linguagem e das (inter)textualidades na representação do sujeito coletivo mulheres. Sem esquecer que há uma dimensão de composição (Steedman 2000) na construção da narração, este processo tem mais a ver com a subjetiva visão dos fatos do que com uma intencional ‘invenção’ de acontecimentos (Yardley 2006).

O texto de **Sofia Neves** aqui apresentado, “Investigação feminista qualitativa e histórias de vida: a libertação das vozes pelas narrativas biográficas”, propõe-se clarificar os significados de se fazer investigação feminista, como ponto de partida para uma reflexão em torno da relação entre esta, a investigação qualitativa e as histórias de vida. Referindo a interpelação a que os feminismos sujeitaram as pretensões de neutralidade e de objectividade dos métodos inscritos no paradigma dominante, este artigo inscreve-se na luta por alternativas epistemológicas e sociais que se afirmem à perpetuação das assimetrias de poder, das quais a de género se autentica e naturaliza na milenar moral patriarcal.

Nesta primeira parte ainda, com “Da epistemologia à ética: a narrativa como ‘lugar’ de saber e de emancipação”, **Hugo Monteiro** compromete-nos com uma leitura cúmplice de uma reflexão que é uma denúncia, explicitada em intenção crítica e transformativa, responsabilizante do modo (dominante) e dos ‘lugares’ de fazer ciência. Com a metáfora ‘cortina’, como encobrimento, quer por uma via epistemológica, quer pelo caldo cultural da tradição, propõe a passagem da linearidade positivista para o foco no reconhecimento da centralidade do sujeito na



construção científica e, por inerência, da complexidade envolvida nessa construção. Explorando a problemática do campo fenomenológico da separação da produção de conhecimento, do ‘mundo da vida’, desenvolve o argumento da cumplicidade desse letal afastamento, a favorecer a dominância do ‘privado’, induzindo a opacidade do fenómeno da violência sobre as mulheres.

As histórias de vida das mulheres que experienciaram violência não tratam apenas *de* violência. No âmbito do Projeto “Amor, medo e Poder: percursos de vida para a não-violência”, esta perspectiva mais abrangente da violência de género e doméstica tem o sentido de propor uma visão holística sobre esta problemática, trazendo a reflexão sobre as lutas sociais entre agentes que experimentam o sabor amargo da discriminação e do preconceito no interior das relações de poder. Neste sentido, a segunda parte, “**Saberes através de experiências vividas**”, versa sobre estes diferentes aspetos das vidas que nos falam de outras dimensões da violência simbólica de género, em alguns espaços formativos e profissionais.

Estando as instituições educativas formais estritamente integradas na totalidade dos processos sociais, apenas a mais ampla concepção de educação nos pode ajudar a perseguir o objectivo de uma mudança que rompa com a lógica mistificadora do capital. Ora, sendo os fundamentos do sistema capitalista *irreformáveis* (pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistémica), limitar uma mudança educacional ao carácter residual de algumas dimensões da educação formal, e à crença ingénua numa gradualização reformista é abandonar, de uma só vez, conscientemente ou não, o objectivo de uma transformação social qualitativa.

Essa ampla concepção de educação, essa irrecusável totalidade, na imaginação criadora de alternativa, é a vida vivida que, nesta epistemologia, é trazida pelas vozes das/os narradoras/es.

A discriminação de género consubstancia-se mais explicitamente nos textos de Angélica Lima Cruz e Ana Maria Faccioli de Camargo. Judite Zamith-Cruz e Carminda Morais apresentam-nos reflexões sobre os processos formativos e de auto-formação. O campo educativo surge mais explicitamente nos artigos de Ana Maria Faccioli de Camargo e Silvina Mandim Monteiro.

“Do fazer ao dizer e do dizer ao fazer”, de **Angélica Lima Cruz**, a propósito de um estudo com mulheres barristas do noroeste português, levanta questões de classe social e género, ‘invisibilidade’ e visibilidade, preconceito e discriminação em arte, através de histórias de vida como processo que permite captar o sentido do vivido, assim como das transformações sociais ocorridas nos anos 1960, do séc. XX. A autora traz-nos uma nova dimensão do trabalho *por* mulheres, em que sobressai a interação entre pelo menos duas subjetividades presentes na construção deste tipo de história oral. Partilha com as/os leitoras/es, a importância da *auralidade* da oralidade, das formas específicas de contar por parte das mulheres, que, como Isabelle Bertaux-Wiame (1993) também salienta, colocam mais ênfase na sociabilidade do trabalho e da comunidade do que na auto-expressão do próprio trabalho, narrativa habitualmente mais masculina, em que o êxito, a segurança e realização parecem mais valorizados.

Em “Gênero<sup>9</sup> e práticas culturais na atividade docente”, de **Ana Maria Faccioli de Camargo**, a partir de relatos do cotidiano, procura-se dar a conhecer as interconexões entre gênero e repertório cultural e suas implicações na prática pedagógica. Focados nos estudos culturais, a discriminação e o preconceito emergem da análise, assente numa noção de pluralidade cultural, em que o gênero não é absolutizado, antes dialeticamente articulado nas práticas culturais, realçando as relações de poder e conhecimento e as lutas sociais daí decorrentes.

Numa abordagem diferente, o texto de **Judite Zamith-Cruz**, “Histórias cruzadas: seis exploradoras de exceção”, partindo da consideração de uma nova abrangência da experiência pessoal, faz ressaltar, neste texto, a influência mais directa de Christine Josso, na recriação dos procedimentos de análise narrativa/textual matriciais ao trabalho da socióloga Suíça para a formação pessoal em histórias de vida. E vem a esclarecer-se o efeito da dialogicidade na reconstrução desse contar-se, apoiada no mestre filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin que, na sua obra, nos leva ao entendimento de que nascemos e vivemos no meio de palavras dos outros, sempre meias nossas.

**Carminda Morais** traz-nos as vozes de enfermeiras para, em “Cidadania e formação em enfermagem”, dar visibilidade ao seu protagonismo em estruturas do Estado Novo, em lutas pelo direito a aceder e participar na tomada de decisão política em relação aos processos de formação, ao direito à vida privada e pela construção e consolidação do difícil e complexo processo de profissionalização em enfermagem, assim como pelo direito a uma cidadania plena.

Finalmente, “‘Maus alunos’ e saber escolar”, de **Silvina Mandim Monteiro**, centra-se na problemática da articulação entre exclusão social e abandono escolar com o saber escolar, e, através de histórias de vida de jovens, designados habitualmente por ‘maus alunos’, traz-nos as suas vozes que apresentam visões críticas acerca da meritocracia, da construção hegemónica de identidades juvenis e das diferenças de género em contexto escolar.

Estes artigos têm em comum uma postura epistemológica, caracterizada por Wallis nos seguintes termos:

“(…) Em lugar da inovação estética, estas/es autoras/e empregam a apropriação e reinscrição de vozes, estilos e *genres* existentes; em vez da coerência do texto convencional, optam por uma forma fragmentária, inconclusiva, digressiva e interpenetrada com outros textos; em vez do autor onnipotente, reconhecem um colectivo de vozes e a participação da/o leitor/a (…)” (Wallis 1993: xv).<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Neste artigo, preservou-se a grafia do Brasil.

<sup>10</sup> “(…) In place of aesthetic innovation, these writers employ appropriation and reinscription of existing voices, styles, and genres; in place of coherence of the conventional text, they favor a form which is fragmentar, inconclusive, digressive and interpenetrated with other texts; in place of the omnipotent author, they acknowledge a collectivity of voice and active participation of the reader (…)” (Wallis 1993: xv).

A história contada no diálogo entre outras/os intervenientes pode, eventualmente, apresentar-se nova e diferente, em diversos momentos e textos. Isto não significa dizer que se trata de distorção dos factos, antes que a pessoa criativamente reorganiza os mesmo factos (ou outros) e apresenta-os de outra forma, eventualmente, até, noutra sequência. Há aqui duas questões: nenhuma vida pode ser completamente contada numa investigação deste tipo, isto é, há sempre uma seleção de alguns acontecimentos em função da(s) pessoa(s) a quem se está a contar, do momento em que este diálogo acontece e dos objetivos que movem este contar. E há ainda uma outra questão que tem a ver com a reorganização das nossas memórias e dos nossos pontos de vista. Qualquer pessoa que vá ver um filme, ler um livro, ouvir um concerto mais do que uma vez, com algum tempo de intervalo, naturalmente, acrescentará novas e diferentes leituras. Assim, a questão da *verdade*, foi já tratada, também por algumas autoras desta obra<sup>11</sup> e, como afirma Paul Thompson (1993), um testemunho oral de uma vida é sempre apenas uma parte da totalidade que é um percurso de vida.

*Pelo fio se vai à meada*, enquanto título desta obra, foi escolhido pelo encadear das palavras que surgem na relação dialógica; como o caminhar se faz andando, também a narrativa se vai inscrevendo num percurso de palavra atrás de palavra, num enfiar de ideias e lembranças, que irão constituir a manta de relatos.

#### Referências:

- Atkinson, Robert (2011) "Life Stories, Autobiography, and Personal Narratives", *The LLI Review*, 41-2.
- Barnet, Miguel (1994) *Biography of a Runaway Slave*, Willimantic, CT: Curstone.
- Bertaux-Wiame, Isabelle (1993) "La perspectiva de la Historia de Vida en el Estudio de las Migraciones Interiores", in Marinas, José Miguel & Cristina Santamarina (coords.) (1993) *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid: Debate, pp 267-281.
- Buttafuoco, Annarita (1990) "Historia y memoria de sí: Feminismo y investigación histórica en Italia", in Colaizzi, Giulia (coord.) (1990) *Feminismo y Teoría del Discurso*, Valencia: Ediciones Catedra, pp 45-63.
- Chanfrault-Duchet, Françoise (2000) "Textualization of the Self and Gender Identity in the Life-story", in Tess Cosslett, Celia Lury & Penny Summerfield (coords.) (2000) *Feminism and Autobiography, Texts, Theories, Methods*, London: Routledge, pp 61-75.
- Cosslett, Tess; Lury, Celia & Summerfield, Penny (2000) "Introduction", in Tess Cosslett, Celia Lury & Penny Summerfield (coords.) (2000) *Feminism and Autobiography, Texts, Theories, Methods*, London: Routledge, pp 1-21.
- Dalton, Roque (1982) *Miguel Marmol*, Willimantic, CT: Curstone.
- Dollard, John (1935) *Criteria for the Life History*, New Haven: Yale University Press.
- Geiger, Susan (1986) "Women's life histories: method and content", *Signs Journal of Women in Culture and Society*, Volume: 11, 2, pp: 334-351.
- Gluck, Sherna & Patai, Daphne (1991) *Women's Words. The Feminist Practice of Oral History*, London: Routledge.
- Habermas, Jürgen (1984) *Ciência y Técnica como "Ideología"*, Madrid: Tecnos (Grupo Anaya).
- Haraway, Donna (1988) "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", *Feminist Studies*, Vol. 14, 3. (Autumn, 1988), pp. 575-599.
- Harding, Sandra (1991) *Whose Science, Whose Knowledge? Thinking From Women's Lives*, New York: Cornell University Press.
- Harding, Sandra (1989) *The Science Question of Feminism*, New York: Cornell University Press.
- Hatch, J. Amos & Richard Wisniewski (coords) (1995) *Life History and Narrative*, London: The Falmer Press.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, Magalhães, Oliveira e Fernandes 1991.

- hooks, bell (1989) *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*, Cambridge: South End Press.
- Ledwith, Margaret (2005) "Personal Narratives / Political Lives: personal reflection as a tool for collective change", *Reflective Practice*, 6 (2), pp 255-262.
- Magalhães, Maria José, Fernandes, Laura F. & Oliveira, Olga (1991) *História de Vida de Uma Operária Corticeira*, Lisboa: ONG-CDM.
- Marinas, José Miguel & Cristina Santamarina (1993) *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid: Debate.
- Maynard, Mary (1994) "Methods, Practices and Epistemology, the Debate about Feminism and Research", Maynard and Purvis (coords.) (1994) *Researching Women's Lives from a Feminist Perspective*, London: Routledge.
- Prigogine, Ilya (1996) *The End of Certainty: Time, Chaos and the New Laws of Nature*, New York: The Free Press.
- Rich, Adrienne (1984) "Notes Toward a Politics of Location", in McCann and Kim (coords.) (1984) *Feminist Theory Reader: Local and Global Perspectives*, London: Routledge.
- Schwandt, Thomas (1997) *Qualitative Inquiry: a Dictionary of Terms*, London: Sage.
- Stanley, Liz (1993) "On Auto/biography in Sociology", *Sociology*, Vol. 27, nº 1, pp 41-52.
- Steedman, Carolyn (2000) "Enforced Narratives. Stories of Another Self", in Cosslett, Tess; Celia Lury e Penny Summerfield (coords.) (2000) *Feminism and Autobiography, Texts, Theories, Methods*, Londres: Routledge, pp 25-39.
- Summerfield, Penny (2000) "Dis/composing the Subject: Intersubjectivities in Oral History", in Tess Cosslett, Celia Lury & Penny Summerfield (coords.) (2000) *Feminism and Autobiography, Texts, Theories, Methods*, London: Routledge, pp 91-106.
- Thompson, Paul (1993) "Historias de Vida en el Análisis de Câmbio Social", Marinas, José Miguel & Cristina Santamarina (coords.) (1993) *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Madrid: Debate, pp 65-80.
- Tierney, William (2000) "Undaunting Courage: Life History and the Postmodern Challenge", Norman Denzin & Yvonna S. Lincoln (coords.) (2000) *Handbokk of Qualitative Research*, 2<sup>nd</sup> edition, London: Sage Publications, pp 537-553.
- Tierney, William (1993) *Building Communities of Difference: Higher Education in the Twenty-frist Century*. South Hadley, MA: Bergin & Garvey.
- Vega, Cristina (1997) "Experiencia y experimentación en las anécdotas contadas por mujeres", *Revista de Occidente*, nº 190, pp 85-103.
- Wallis, Brian (1993) "Telling Stories: A Fictional Approach to Artists' Writings", in Brian Wallis (coord.) (1993) *Blasted Allegories. An Anthology of Writings by Contemporary Artists*, New York: The New Museum of Contemporary Art & Massachusetts Institute of Technology.
- Watson, Lawrence & Barbara Watson-Franke (1985) *Interpreting Life Histories: an Anthropological Inquiry*, New Brunswick: Rutgers University Press.
- Yardley, Ainslie (2006) "Living Stories: The Role of The Researcher in the Narration of a Life", *Forum Qualitative Social Research*, 9 (3), Art. 3, <http://www.qualitative-research.net/fqs/> retrieved 2012, February.